AFETADOS: o impacto da representatividade LGBTQI+ no público adolescente de séries de TV

Luana Morgado Ramos Afonso[71]
luanaamorgado@gmail.com

Resumo
A pesquisa se propõe a entender a representatividade de adolescentes LGBTQI+ em séries de televisão norte americanas voltada para o público jovem, passando pela história e espaços conquistados por esse grupo. Vamos analisar a série Glee, que foi consagrada por dar espaço a personagens LGBTQI+. Iremos fazer um estudo de recepção para entender o impacto dessas histórias para o adolescente em crescimento. Tudo isso com o intuito de entender a maneira como os jovens são representados e o impacto que essas séries têm sobre aqueles telespectadores que buscam sua própria aceitação.

Palavras-chave: representatividade em série; jovens LGBTQI+; adolescentes; Glee; impacto.

Abstract
The research has the purpose to understand the representativeness of LGBTQI+ teenagers in North American television series aimed at young people, through the history and spaces conquered by this group. We are going to analyze Glee, series that has been renowned for making room for LGBTQI+ characters. We will do a reception study to understand the impact of these stories on the growing teenager. All in order to understand the way young people are represented, and the impact these series have on those viewers seeking their own acceptance.

Keywords: representativeness in TV series; LGBTQI+ youth; teenagers; Glee; impact.

[71] Trabalho orientador por: Pedro Curi (pedro.curi@espm.br)

ESPM Rio de Janeiro
Rua do Rosário 90/111 Centro Rio de Janeiro RJ Brasil 20041-002 T 21 2216 2000

1. Introdução

CJ Lamb e Abby Perkins saem de um jantar e seguem andando em direção ao carro, elas conversam e se abraçam em despedida. CJ encara Abby e dá um selinho na advogada, que parece surpresa; CJ se aproxima e dá, dessa vez, lentamente um beijo em Abby. Essa cena só foi ao ar em 1991, pois se tratava de um beijo entre duas mulheres. O primeiro beijo lésbico da história das séries de TV aconteceu em L.A. Law, quinta temporada, episódio 12. Esse marco diz muito sobre como foi o caminho da representatividade em peças audiovisuais.

As séries adolescentes por muito tempo mostraram casais heteronormativos e não deram espaço para outro tipo de relacionamento exceto esse. Quando mostravam relacionamentos LGBTQI+, geralmente eram bem estereotipados e não agregavam em nada na narrativa, sendo deixados de lado.

Pensando nisso, a motivação para construção do artigo foi gerada através de um processo pessoal que passei ao longo da minha infância e adolescência, quando percebi a falta de personagens LGBTQI+ nas peças audiovisuais de massa. Nenhum personagem retratado no conteúdo que consumia na época, conseguia, de fato, representar minha orientação sexual. Naquele momento, só tive a chance de me identificar com personagens heteronormativos, o que causou muita confusão interna e dificultou minha própria aceitação. O intuito, portanto, é estudar a representatividade LGBTQI+ nas séries adolescentes e como isso impactou a vida das pessoas que passavam por um momento de aceitação, assim como eu.

Ao longo do artigo, tentaremos entender como essa comunidade foi ganhando seu devido respeito e espaço nos conteúdos em geral, fazendo uma análise histórica e teórica para entender como e quando foram acontecendo essas representações. Vamos segmentar a pesquisa para o público jovem.

Sabendo disso, utilizaremos a série Glee, pois ela foi uma das primeiras séries adolescentes a ter um considerável número de jovens LGBTQI+ como elenco recorrente e também pelo horário nobre na grade da emissora e por todo o seu sucesso com a temática da aceitação. Vamos apresentar os aspectos de

representatividade trabalhadas, como se mostra ao longo da narrativa da série e o desenvolvimento desses personagens.

Analisaremos como esse tipo de representação tem impacto na vida dos adolescentes, a partir de um estudo de recepção, via formulário, e apresentaremos o resultado, assim podendo concluir se de fato a representação tem um impacto na construção do jovem.

A intenção para a criação deste artigo é mostrar a importância da representatividade para o crescimento social do jovem, mostrando que possivelmente uma adolescência com mais fluidez e representatividade LGBTQI+ pode quebrar barreiras impostas pela sociedade há muito tempo.

2. Histórico da representatividade

Em 1970, começou um grande movimento nos Estados Unidos para protestar contra a falta e a má representação de personagens LGBTQI+ em filmes e em séries (CONNOLLY, 2018). O começo dessas reivindicações foi extremamente importante para a história da representatividade queer[72] na mídia. Esses movimentos foram criados logo após a Rebelião de Stonewall, onde ativistas LGBTQI+ se juntaram contra a polícia de Nova Iorque devido a inúmeras batidas em bares abertamente gays, como o Stonewall Inn. Assim começou uma grande rebelião que fez com que diversos grupos ativistas fossem criados.

Após cansarem de ver representações falsas ou inexistentes em filmes de massa, alguns grupos foram se formando e fazendo protestos em frente aos cinemas e estúdios de televisão. Realizaram boicotes sobre certos filmes, atores e séries para fazer com que as pessoas percebessem que, principalmente, não bastava apenas criar um personagem gay, por exemplo, mas era preciso não se basear somente em estereótipos.

[72] ESTANTEANTE, 2018. Significado de queer: Todo mundo que não é hétero (lésbicas, bissexuais, gays, entre outros) ou que não é cisgênero pode se identificar como queer. É um termo que tem o mesmo significado do acrônimo LGBTQI+.

Ao longo do tempo, esses grupos foram conquistando alguns passos para que houvesse uma melhora na representação de personagens queer no audiovisual como um todo. Majoritariamente os movimentos liderados por homens foram os que obtiveram mais sucesso e perduraram por mais tempo – isso devido à construção histórica de sociedade que privilegia o gênero masculino desde os primórdios. Dois grupos de mais sucesso da época eram primeiro o National Gay Task Force (NGTF), que hoje tem o nome de National LGBTQ Task Force, e o Gay Activistis Alliance (GAA).

Formados no final de 1969, ambos os grupos criticavam a maneira com que os personagens eram retratados. Além de reivindicar espaço nas mídias, queriam que elas os representassem fidedignamente, isto é, sem estereótipos, e sem marginalizá-los. Para eles, isso significaria muito, pois abriria espaço para mudar a cabeça daqueles que não os aceitavam, uma vez que o fato de ter uma sexualidade diferente da heteronormativa não é algo anormal, e que, além disso, não se trata de uma escolha.

No ano de 1973, nem a indústria do cinema e da televisão estavam produzindo consistentemente conteúdo que tivesse uma representação considerada padrão pelos movimentos de liberação citados acima (KILDAY, 1973), entretanto alguns canais de televisão estavam começando a levar em consideração as críticas feitas pelos ativistas. Em alguns casos, até os chefes das emissoras marcavam encontros com os líderes dos grupos, a fim de debater sobre a questão da representatividade. Nesses encontros, falavam sobre a narrativa, a forma de retratar os personagens e apontavam o quão prejudicial era aquela forma estereotipada, mostrando que aquilo não era necessariamente o jeito de retratar a comunidade. Conversavam também sobre como inserir os personagens na história de um modo diferente do que já era apresentado.

Algumas séries e filmes foram inserindo alguns personagens gays, porém, continuavam retratando-os como imorais, afeminados e sujos. O estopim para um dos encontros entre ativistas e chefes de emissoras foi um episódio da série Sanford

and Son e a estreia do filme Busitng, no qual os críticos LGBTQI+ mandaram cartas para a emissora e a distribuidora do filme, afirmando a falta de senso para mostrar o que é realmente ser gay. Usaram palavras como perversos, preguiçosos e muitas outras para descrever os personagens das duas peças audiovisuais (CONNOLLY, 2018).

Após essa situação, um grupo produziu um texto endereçado paras os chefes de estúdio e da indústria com o título "Alguns princípios para filmes e televisão sobre como tratar a homossexualidade" (CONNOLLY, 2018, p. 77). Esse conteúdo tinha o que os ativistas consideravam "representação apropriada".

Apesar de muito ter se avançado e conseguido espaço para falar com os representantes das indústrias, isso só acontecia para os homens gays. Lésbicas, bissexuais e transexuais tiveram poucas chances, e suas vozes eram silenciadas, ainda que vários assuntos os afetassem de um jeito que não afetava os homens gays. De acordo com Marotta (1981), devido a esses motivos, as lésbicas que participavam do movimento GayActivists Alliance se separaram e criaram o Lesbian Feminist Liberation (LFL).

O grupo não teve o mesmo sucesso que os liderados por homens, mostrando que os privilégios de fato não eram os mesmos, o que tornou e torna a luta ainda mais difícil. De acordo com o relatório feito pela GLAAD[73] analisando os anos de 2016 e 2017, os espaços em telas são menores para as lésbicas, bissexuais e transexuais. As mulheres lésbicas só ganham em espaço no streaming em relação aos homens gays.

3. Histórico de séries com personagens LGBTQI+

Em novembro de 1946 estreou a primeira série de televisão da história da indústria, Pinwright's Progress[74], que durou uma temporada. A aparições de personagens abertamente LGBTQI+ só aconteceu 25 anos depois, em 1971, na

[73] Gay & Lesbian Alliance Against Defamation. É uma organização não governamental que monitora os espaços de pessoas LGBTQI+ na mídia.
[74] BBC History Magazine, As Dad's Army makes a return on the big screen, Julian Humphrys looks at our love of the sitcom.

série All in the Family. O personagem se chamava Steve e só apareceu em um episódio. Já em 1972, na série The Corner Bar, um sitcom da ABC, colocou-se no elenco principal o primeiro personagem abertamente gay, Peter Panama. Apesar de ter marcado a história, a série era considerada extremamente homofóbica, o que fez com que a Gay Activist Alliance e muitas outras organizações protestassem (CONNOLLY, 2018).

Ao longo dos anos foi-se tendo mais alguns personagens em séries e filmes, na maior parte, sitcom, porém todos muito estereotipados e alvo de chacota. Em 1977, a primeira personagem transgênera apareceu na televisão por apenas um episódio, no sitcom The Jeffersons, em que o antigo amigo de exército de George Jefferson, apresenta-se como uma mulher chamada Edie.[75]

O personagem mais famoso da época que era abertamente gay foi Jodie Dallas, da série Soap (1977-1981), que teve quatro temporadas que variavam entre 22 e 25 episódios cada. Escrita por Susan Harris, também roteirista da série cancelada citada acima, All In The Family. Quando decidiu enviar para ABC sua ideia, recebeu algumas críticas, uma delas era mostrar discretamente o relacionamento do personagem de Jodie[76]. Logo após a decisão da emissora de fazer a série, protestantes religiosos e conservadores cercaram os escritórios da ABC para reclamar do conteúdo imoral que seria transmitido.[77] Soap foi a primeira série a receber reclamações antes mesmo de ter saído o primeiro episódio. A ideia da escritora era mostrar a sexualidade do rapaz de diversos modos, principalmente lidando diariamente com os homofóbicos em sua família.

Jodie Dallas era bem carismático, apesar de sofrer muita homofobia por onde passava. A série, embora bastante criticada tanto por religiosos quanto por ativistas, traz um embate sobre estereótipos interessante para a época que passava. Jodie namorava um jogador de futebol da NFL, Dennis. O jogador era o

[75] The New York Times, "*14 TV Shows That Broke Ground With Gay and Transgender Characters.*" Shattuck, Kathryn.
[76] Taming a Lusty Show
[77] BIGELOW, Brittnie. Jodie Dallas Has Left the Closet: Television First Regularly Occurring Gay Male Character and What He Had to Say About His Time. 2014.

típico “machão”, amante de esportes, admirado por todos os homens heterossexuais, mas, na verdade, era gay, o que causou em um dos personagens homofóbicos da série, Burt, padrasto de Jodie, um estranhamento. Para ele, um homem desse tipo jamais seria gay, já que o que se falava na época era de homens afeminados e, no caso, o jogador não era nada disso.

De fato, a série negligenciou diversos assuntos, como transexuais. Logo na primeira temporada, Jodie decidiu mudar de sexo para que as pessoas aceitassem seu relacionamento com Dennis. Ele nunca havia comentado sobre o desejo de se tornar uma mulher, e isso só voltou a aparecer na narrativa no final da temporada, quando ele estava prestes a entrar para cirurgia, e Dennis apareceu para fazer com que ele desistisse. Isso aparenta que a escolha para mudança de sexo é fácil e que as pessoas que passam por isso podem muito bem mudar de ideia a qualquer momento.

Porém, Soap conseguiu fazer com que as pessoas gostassem de Jodie apesar de sua sexualidade e torcessem por ele. O ator que o interpretava, Billy Crystal, disse que os fãs escreveram inúmeras cartas de apoio quando a série mostrou uma briga de custódia entre Jodie e Carol, mulher com quem ele teve um caso e engravidou (BIGELOW, 2014). Isso mostra que apesar de todos os erros cometidos em relação ao que se deveria falar e como falar, a série cumpriu um passo significante paras as histórias LGBTQI+, deu um espaço quando muitas outras não deram.

Após o sucesso de Soap algumas outras séries tentaram seguir o caminho e foram aos poucos, tendo personagens LGBTQI+ em seus enredos, majoritariamente gays e, em menor número, lésbicas, aparecendo em poucos episódios e raramente sendo do elenco principal. Dezesseis anos depois de haver um personagem gay numa série, a sitcom Ellen ou These Friends of Mine (1994-1998) contava a história de Ellen, uma mulher que trabalhava numa livraria, divertia-se e compartilhava com seus amigos questões sobre amor, família e trabalho. Na quarta temporada, transmitida em 1994, a personagem Ellen se assumiu lésbica num episódio visto por

mais de 42 milhões de pessoas. Isso aconteceu logo depois de a atriz que interpretava essa personagem, Ellen DeGeneres, ter-se assumido como lésbica para o público (SHATTUCK, 2017). Logo após esse episódio, a série começou a ter, antes do início do episódio, um comunicado de "parental advisory"[78], pois houve muita dificuldade do público em aceitar a "saída de armário" (HUBERT, 2004). A série foi cancelada na quinta temporada por baixa audiência.

Em 1998, Will and Grace estreou na televisão norte-americana. A obra contava a história de quatro amigos, Will, Grace, Karen e Jack. Dois homens gays e duas mulheres heterossexuais que transformaram suas aventuras nas mais divertidas e hilárias das peças audiovisuais da época. A série foi um sucesso, apesar de ter sido rejeitada no início, por trazer dois personagens principais que eram homossexuais. O sucesso da série foi tanto que o ex-presidente dos Estados Unidos, Joseph R. Biden Jr, disse em 2012, que "Will and Grace educou mais o público americano do que qualquer outra pessoa ou pessoas" (SHATTUCK, 2017).

Com o passar dos anos, os personagens da comunidade LGBTQI+ foram ganhando espaço, em sua maioria, homens gays. Em 2000, estreou a série Queer as Folk, o primeiro drama americano voltado para a história de homens gays e mulheres também. Alguns anos depois, The L World estreou, dando às mulheres lésbicas uma visibilidade jamais vista.

É perceptível como andamos desde os primeiros passos para a representatividade. Muitas séries foram pioneiras e ajudaram neste espaço, pequeno, mas significativo, que vemos hoje em dia. Algumas foram "chutando a porta" e mostrando que ser diferente é ótimo, ser LGBTQI+ é maravilhoso. Quando falamos dessas séries, uma que não poderíamos deixar de fora é Glee.

4. Glee: apresentação e análise

Glee foi uma série de televisão que estreou em 19 de maio de 2009 pelo canal Fox e terminou em março de 2015. Produzida e criada por Ryan Murphy, Brad

[78] Aviso aos pais.

Falchuk e Ian Brennan, ela teve seis temporadas, nas quais as quatro primeiras tiveram 22 episódios, a quinta, 20, e a sexta temporada finalizou com 13 episódios.

A história de Glee começa com o professor de espanhol Will Schuester, que resolveu liderar o coral da escola, Glee Club. Tentando mudar o rumo do grupo e inovar, ele procurou diferentes alunos, jogadores de futebol, líderes de torcida e nerds. Ele encontrou Rachel Berry, Kurt Hummel, Finn Hudson, Quinn Fabray e Brittany Pierce. A partir disso, o professor tentou dividir sua vida pessoal de sua nova vida, focando na vida pessoal dos alunos a partir daquele clube de coral, como vida amorosa, relacionamento com os pais, adolescência e sonhos para o futuro.

A série já veio com uma proposta totalmente diferente das outras. O propósito de Glee é valorizar e representar as diferenças, mostrando a diversidade: tem personagem bissexual, homossexual e transexual (ressaltado nas temporadas finais). O show tem diversos personagens regulares LGBTQI+ que são apresentados ao longo da trama em diferentes temporadas, eles são: Kurt Hummel, David Karofsky, Blaine Anderson, Brittany Pierce, Santana Lopez, Unique Adams e Shannon Beiste (mais tarde apresentado como Sheldon Beistie).

Na primeira temporada, a série mostra Kurt, um menino que sofre muito bullying na escola por ter um jeito considerado mais “afeminado”, por isso sofria sempre muito preconceito principalmente dos meninos do time de futebol americano. Quando entrou para o Glee Club, Kurt se identificou com Mercedes, eles se aproximaram muito e ela desenvolveu um “crush” por ele. Quando ele a rejeita, ela fica brava, mas depois Kurt se assumiu gay (no episódio 3), e ela entendeu e o apoiou. Em casa, ele se assumiu para o pai no episódio 4. Foi a segunda pessoa para quem ele se assumiu na série, e o pai o aceitou bem. Porém, mesmo com isso, o garoto teve dificuldade em encontrar coisas em comum, já que ambos têm gostos muito diferentes e isso acaba gerando conflitos entre os dois. Kurt é muito amigo das meninas e não gosta de andar com os meninos do clube, porque eles não o valorizavam nem escutavam suas ideias.

David Karofsky fez sua primeira aparição na série no episódio 8 da primeira temporada. O menino era definitivamente o que os americanos chamam de “jock”, o estereótipo do jogador que faz bullying com os que menos se encaixam no padrão. Quando apresentado, o foco dele era fazer bullying com Finn e Quinn (no começo da temporada, o casal mais famoso do colégio); depois, na segunda temporada, ele escolheu outro alvo, Kurt. Ele infernizava a vida de Kurt com empurrões e palavras de cunho homofóbico, até que, na segunda temporada, no episódio 6, Kurt decidiu enfrentar o “valentão”. Ao confrontá-lo, eles brigam, e David o beija à força; Kurt fica assustado e sem entender. Após esse episódio, ele continuou confrontando e brigando com Kurt, até que, no final da temporada, desculpou-se por todo o bullying que fez e disse que finalmente se aceitava, mas que não estava preparado para se assumir.

Na segunda temporada, chegou Blaine Anderson, gay assumido que lidava muito bem com sua sexualidade e estudava numa escola preparatória particular, onde também participava do coral. O jovem apareceu dando apoio a Kurt, que vinha sofrendo bullying pelo colega de escola David Karofsky, citado acima. Quando conheceu Rachel e a beijou bêbado numa festa, Blaine questionou sua sexualidade, mas logo depois de trocar outro beijo, dessa vez sóbrio, chegou à conclusão de que ele de fato era gay. Ao longo da temporada, sua afinidade com Kurt aumentou, e eles começaram a namorar.

A personagem Brittany Pierce é o estereótipo das líderes de torcida que não se importam com nada, são fúteis, más e burras. Assim é apresentada a menina para os espectadores na primeira temporada, mas depois se percebe que ela só era assim pelas influências de suas amigas, Santana e Quinn. Logo a conhecemos como uma menina dócil, divertida, que tem um ótimo coração e um QI baixo. Ela não liga muito para o que os outros pensam e adora se gabar de que já ficou com todos da escola, inclusive meninas, o que descobrimos apenas no episódio 13° da primeira temporada; inclusive ela e Santana já dormiram juntas. A personagem lida muito bem com sua bissexualidade.

Santana Lopez, latina, segue muito o estilo comentado sobre Brittany, a diferença é que a menina era extremamente inteligente e adorava destratar os outros. Muito conhecida por ser líder de torcida e já ter dormido com todos os meninos, Santana era a típica heterossexual, mas como falado acima, ela e Brittany tiveram um romance. A menina tinha muita dificuldade de lidar com isso e sempre tentava deixar claro para a outra que tudo não se passava de uma bobeira e que apenas gosta de beijá-la, mas não estava apaixonada por ela. A menina já se considerava lésbica, mas teve muita dificuldade de chegar a sua autoaceitação.

Na terceira temporada, chegou Unique, uma personagem que se vestia de acordo com o padrão feminino, mas nasceu menino, chamado Wade. Por não se sentir confortável com sua identidade de gênero, estava vivendo esta transição. Apesar de não ser uma personagem inicialmente do elenco principal, Unique ganhou destaque pela bela voz e pela sua história. Era uma trans negra. Com o desenrolar dos episódios, é mostrado como ela se sente muito bem e confortável ao tentar ao máximo não se importar com o que os outros dizem dela. A série mostra uma cena logo no início em relação a qual banheiro ela deveria usar e todo os problemas gerados por conta disso. Certas pessoas, como Sue (diretora da escola), incomodam-se e não aceitam que ela use o banheiro feminino.

Ao longo de algumas temporadas, outra personagem se descobre trans: a técnica do time de futebol americano, Shannon Beiste. O processo por qual ela passa é mostrado desde o início e, ao contrário de Unique, somos apresentados primeiro à personagem como mulher, que sempre foi bem "masculina" e era casada com um homem. Só no fim da série ela faz a decisão de afirmação pelo gênero masculino.

A emissora da série, Fox, colocou o programa no horário familiar. Isto já é um marco por si só, fazendo com que Glee seja a primeira série adolescente norte-americana num canal fechado trabalhar com esse tipo de representatividade. A série conseguia, em sua narrativa, mostrar e fazer com que o público se apaixonasse por aqueles personagens.

Os casais foram se formando e fazendo com que o público se apegasse a eles. Brittany e Santana, por exemplo, só assumiram o namoro na terceira temporada, apesar de ficarem em alguns episódios das temporadas anteriores. Ao longo das outras temporadas, a série mostra como a família de Santana lida com isso, principalmente sua avó, que é uma das pessoas com quem a jovem mais se preocupa e ama.

Em contraponto, a série, que tem o tema da autoaceitação, falha quando representa a bissexualidade. Ao longo dos episódios, vemos a bissexualidade ser tratada de um jeito preconceituoso, como, por exemplo, quando Santana (depois de terminado o relacionamento com Britany) fica com uma personagem assumidamente lésbica e fala a seguinte frase: “Finalmente eu tenho uma namorada com quem não preciso me preocupar se vai correr atrás de pênis”.

Em nenhum momento, Britany sequer mostrou interesse em algum homem enquanto as duas estavam namorando ou de fato traiu Santana. Frases como essa se repetiram com Kurt, quando ele disse para Blaine que “bissexual é um termo que os garotos usam no ensino médio quando querem andar de mãos dadas com garotas e se sentirem normais”. Quando a série fala em bissexualidade, ela é tratada como se não existisse ou fosse apenas uma fase de “decisão” entre ser hetero ou homossexual.

Podemos considerar que Glee é uma série representativa em vários aspectos. Além de ela tentar mostrar ao espectador que ser LGBTQI+ é algo completamente normal, ela ainda tenta, a cada episódio, quebrar estereótipos. Isso porque, embora existam personagens homossexuais que se encaixam nos estereótipos de homossexualidade, existem também os que fogem desse padrão. A série, apesar de apresentar problemas em relação à representação da bissexualidade, cumpre de maneira adequada a proposta que tinha desde o começo: ser diferente, demonstrar o diferente e dizer que ser assim não é um problema. Glee, por si só, grita representação e ajuda a dar visibilidade às minorias.

5. Estudo de recepção

Foi discutido e pensado que a melhor maneira de entender o que as pessoas impactadas por séries LGBTQI+ pensaram e sentiram era através de uma melhor interação com elas. Assim, foi desenvolvido um questionário a fim de alcançar o maior número possível de respondentes e descobrir o que a representatividade significou para esses espectadores. Essa metodologia trabalha a lógica do consumo, da produção e da construção de identidade na vida cotidiana. Devido a isso, foi feita a escolha pelo estudo de recepção, para que pudéssemos obter essa troca com o respondente, tentando compreender como as pessoas são afetadas pelas peças audiovisuais e sua memória afetiva sobre elas.

O questionário foi elaborado e dividido em sessões, isto é, assim que um respondente clicasse em alguma resposta que não era esperada, o questionário se encerrava, pois percebia-se ali que o mesmo não era o público-alvo da pesquisa. Para analisar bem o nosso público, começamos com perguntas básicas, como: "Qual sua idade?", "Com qual gênero se identifica?" e "Qual a sua orientação sexual?". A próxima pergunta elaborada foi "Você consegue lembrar de algum personagem LGBTQI+ de séries de TV?", a fim de saber se os respondentes do questionários consomem ou consumiam séries de TV com personagens desta comunidade e se, de fato, conseguiriam expressar o que sentiram a partir disso. Nesse momento, os que responderam se lembrar de algum eram direcionados à próxima seção, que perguntava o nome do personagem e a série e, na sequência, se o espectador se identificava com o mesmo.

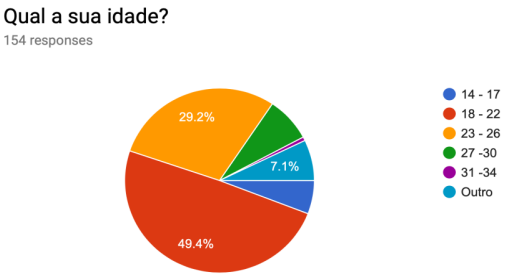
Sendo assim, a quarta seção procurava entender como a pessoa se identificava com o personagem, deixando duas perguntas abertas: "De que forma se identifica com o personagem?" e "Qual é a importância dessa representatividade para você?". A intenção ali era realmente fazer o respondente se expressar, a fim de obtermos melhores resultados. Era esperado que ele descrevesse abertamente sua experiência e se sentisse à vontade para fazer qualquer relato que viesse à cabeça. Ainda na mesma seção, vinha a penúltima pergunta, "Você conseguiu aceitar

melhor a sua sexualidade por causa deste personagem?", com o objetivo de entender se ter esse personagem na série e sua representatividade fez diferença na autoaceitação das pessoas espectadoras. Por fim, a última pergunta levava à série Glee, que é o objeto de estudo deste artigo. A pergunta "Você já assistiu à Glee?" procurava demonstrar o impacto especificamente dessa série para o consumidor, uma vez que a mesma é considerada a primeira série adolescente com personagens LGBTQI+ no elenco regular principal.

A quinta e última seção era voltada estritamente para o público espectador da série em questão. Primeiramente, foram citados os personagens heterossexuais e da comunidade LGBTQI+, perguntado se o respondente se identificava com algum deles, independente da sexualidade. A seguinte questão foi para procurar entender o que naquele personagem fez com que o espectador se identificasse e, por fim, se o consumidor teve uma aceitação melhor por causa dos personagens relativos ao mundo de Glee.

6. Análise

A divulgação do questionário foi feita através de Facebook em grupos de faculdade e da comunidade LGBTQI+. O questionário teve um bom engajamento. Foram 154 respostas no total; destas respostas, o gênero feminino e a faixa etária de 18 a 22 anos predominaram, como se pode perceber no gráfico abaixo:



Como falado no tópico 5, para ter um recorte e chegar a respostas necessárias para o objetivo da pesquisa, perguntamos a orientação sexual dos respondentes. O grupo que prevaleceu foram os bissexuais.

Nossa pesquisa tinha por finalidade entender a relação do espectador com os personagens LGBTQI+ em séries de TV. Tentando compreender isso, vimos que a maior parte do público tinha conhecimento de algum personagem da comunidade, percebendo assim que os personagens que iriam ser citados na próxima pergunta tinham marcado a vida do respondente de alguma forma para ser lembrados por eles.

Quando questionados sobre o nome da série e o personagem recordado, os respondentes escreveram e citaram aqueles que os vieram à memória. Em meio a 90 respostas, as séries mais citadas foram Glee, Orange Is The New Black, Skam, Greys Anatomy e How to Get Away with Murder, totalizando catorze, nove, nove, oito e sete, respectivamente. Podemos ver que todas essas séries citadas trabalham com uma grande diversidade de personagens, narrativas e públicos-alvo diferentes, mas que de alguma forma marcaram a memória afetiva desses espectadores. Por exemplo, a série Orange Is The New Black tinha uma narrativa sobre mulheres presidiárias e como o sistema carcerário é prejudicial e injusto para as minorias. Ao longo de diversas histórias contadas na série, uma delas era de Piper e Alex, um casal de mulheres que são presas. Todas as séries citadas trabalham bem a parte de diversidade e aceitação, o que combina com a hipótese desta pesquisa.

Tendo como objetivo entender a relação do respondente com o mundo fictício das peças audiovisuais, perguntamos se eles se identificavam de alguma forma com esses personagens. De 90 respostas, apenas 15 afirmaram que não se identificaram e, por isso, finalizaram o questionário. Assim podemos perceber que muitas pessoas foram impactadas pela representatividade nas séries citadas. Perguntamos “Qual é a importância dessa representatividade para você?” e assim tivemos respostas que comprovaram as nossas hipóteses. Podemos conferir abaixo algumas delas:

> Lembrar que pessoas como eu existem e que tudo bem (ANÔNIMO).
>
> É imprescindível o sentimento de identificação para que possamos atingir a aceitação e entendimento próprios (ANÔNIMO).

> É impressionante como um conteúdo chama mais a minha atenção quando me sinto identificada, hoje em dia procuro assistir o máximo de séries com personagens lgbts possíveis. Mas, além disso, nos enxergarmos dentro desses conteúdos nos deixa mais confortáveis e incluídos na sociedade e ajuda também no entendimento das pessoas que não são lgbts (ANÔNIMO).

> Não me vejo muito representado em séries. Acho que o cenário da representatividade acalenta o coração quando falamos de uma pessoa real, verdadeiramente humana que sofre e vence como qualquer outra. Séries são importantes para dar visibilidade e apresentar contextos – no meu caso muito mais para terceiros do que para mim mesmo – justamente porque a aceitação e entendimento da pessoa que sou (falando sobre sexualidade apenas), já consegui construir muito bem na minha cabeça. Neste momento as séries se mostraram importante sim! Reconhecimento e compatibilidade (ANÔNIMO).

Essas afirmações demonstram o quão positiva é a representação e o que ela agrega para aquele que está sendo representado. Quando o indivíduo se projeta em um personagem, acaba vendo como "a si mesmo" e se conhecendo melhor. As pessoas muitas vezes enxergam personagens como "espelho" e tentam, de alguma forma, reconhecer-se nele. Essas pessoas apenas querem se ver e entender que está tudo bem com elas serem assim; que não é algo ruim, estranho ou ainda anormal. Além disso, elas querem passar essa mensagem para outras pessoas. Sendo assim, conseguimos perceber o quão profunda é a questão da representatividade. Ela vai além das telas e se incorpora no dia a dia da pessoa, com ela mesma e com o próximo.

Por fim, indo para a última seção, nosso recorte muda, e nela focamos em Glee. Sendo assim, os 75 respondentes da última pergunta foram questionados se já tinham assistido à série Glee e, entre eles, 39 responderam que sim, contra 36 que responderam que não (e finalizaram o questionário).

Esses 39 tiveram que responder com qual dos personagens da série eles se identificaram mais e, entre eles, a personagem Santana foi a eleita, totalizando 16 votos. Após ela, veio Kurt com cinco e, por fim, Brittany, com quatro. Pode-se perceber uma grande diferença entre a quantidade de votos. Todos os personagens

escolhidos são pertencentes à comunidade LBGTQI+ e foram caracterizados no tópico 4 deste artigo.

A escolha de Santana como a personagem que os respondentes mais se identificaram diz muito sobre o público. Santana era latina, a história da sua família que era extremamente religiosa (principalmente a avó) se aproxima muito com a de boa parte dos brasileiros, tendo em vista que apenas 6,7% do brasileiros não têm uma religião (PAINS, 2017). O seu jeito sério, sarcástico e até às vezes mau, encantava as pessoas. Ela de fato era uma personagem muito querida e admirada e acreditamos que por isso ela tenha sido a maior escolha do público.

Consideramos que tivemos um resultado positivo em nossa pesquisa e alcançamos o resultado esperado. Os jovens se sentem bem ao se ver nas telas e querem que cada vez mais isso aconteça, deixando clara a necessidade da representação da comunidade LGBTQI+.

7. Considerações Finais

Conseguimos concluir com a pesquisa que as séries adolescentes aderiram, ao longo dos anos, aos personagens LGBTQI+. Esse fato possui muitas consequências, conforme percebemos ao longo da análise, no capítulo acima. O objeto de estudo foi totalmente pautado em entender de que forma a representatividade impacta na vida de jovens que consomem séries de TV e, com o questionário e a quantidade de respondentes, foi muito claro perceber que de fato a representatividade não só importa, como também é necessária. Ela faz com que os jovens que fazem parte dessa comunidade se sintam mais representados e com seu espaço reconhecido nas mídias. Além disso, é uma ótima maneira deles se enxergarem no personagem, e até se projetarem nele para aceitar a si mesmos.

Através do questionário, é possível afirmar que o impacto que essa representatividade causa é positivo e que, de fato, ajuda na construção dos jovens. Os fãs das séries se sentem acolhidos e felizes ao verem suas próprias histórias nas telas e têm mais facilidade para auto aceitação e entendimento sobre o que sentem.

Visto tudo isso, constatamos que o artigo alcançou o objetivo inicialmente proposto e mostrou de fato que muita coisa mudou ao longo do tempo. Essa representatividade cada vez mais viva nas telas da TV mostra que é essencial trazermos esse tema à tona e torná-lo cada vez mais presente nas séries nos dias de hoje. Entendemos que essa representatividade muda e transforma completamente a vida e história de um jovem LGBTQI+ que está em busca, ou que até mesmo já conquistou sua própria aceitação. Essa pesquisa ainda não é perfeita nem completa, mas já é um grande passo entender na prática a importância de tal tema. Encerramos esse artigo com a resposta de uma respondente ao questionário, que ilustra bem a importância da representatividade LGBTQI+ em séries: "Não é sobre perceber que eu era gay mas sim entender que estava tudo bem".

8. Referências

BBC History Magazine, *As Dad's Army makes a return on the big screen, Julian Humphrys looks at our love of the sitcom*. 2016.

BIGELOW, Brittnie. *Jodie Dallas Has Left the Closet*: Television First Regularly Occurring Gay Male Character and What He Had to Say About His Time. 2014.

CONNOLLY, Matt: Liberating the Screen: Gay and Lesbian Protests of LGBT Cinematic Representation, 1969 -1974. Wisconsin, n.2, p. 77, 2018.

GAY Media Task Force. Documento publicado em vários jornais e disponível em Russo, *Celluloid Closet*, 220 -221.

HUBERT, Susan J. *What's Wrong with this Picture?* The Politics of Ellen's Coming Out Party. 05 mar. 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.0022-3840.1999.3302_31.x>. Acesso em: 25 nov. 2019.

KILDAY, Gregg. "Gays Lobby for a New Media Image," *Los Angeles Times*, December 10, 1973, D1.

MAROTTA, T. *The Politics of Homosexuality*. 1. ed. Massachusetts: Houghton Mifflin, 1981.

PAINS, Clarisse. "Pesquisa revela que 44% dos brasileiros seguem mais de uma religião". *O Globo*, 2017.

SHATTUCK, Kathryn. “14 TV Shows That Broke Ground With Gay and Transgender Characters”. *The New York Times*, 2017.

ESPM Rio de Janeiro
Rua do Rosário 90/111 Centro Rio de Janeiro RJ Brasil 20041-002 T 21 2216 2000